

# A INTERLOCUÇÃO ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

artigo de revisão

Dalgiza Andrade Oliveira\*  
Marlene Oliveira\*\*

## RESUMO

A partir de pesquisas e idéias de diferentes autores, o artigo discorre sobre a interlocução entre Ciência da Informação (CI) e Biblioteconomia, apresenta algumas reflexões de um estudo sobre essa relação, abordando a origem e desenvolvimento dessas áreas no Brasil, suas aproximações e distanciamentos. Como principais resultados: mostra a interdisciplinaridade no ensino de ambas nas escolas que abrigam tanto a Biblioteconomia quanto a CI; que os mesmos professores ensinam na graduação e na pós-graduação *stricto sensu*; que as temáticas e os conceitos da CI se refletem nas ementas das disciplinas dos cursos de Biblioteconomia e que a relação inversa também acontece; que a Biblioteconomia carrega uma matriz disciplinar que é quase consenso entre os cursos sobre a formação do bibliotecário e a formação da CI encontra-se mais dispersa, fragmentada; que a dispersão de temáticas na formação do perfil do mestre ou doutor pode ser creditada às diferentes linhas de pesquisa que orientam tais programas.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação. Biblioteconomia. Interdisciplinaridade. Ensino. Pesquisa.

\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professora Adjunta da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: dalgizamg@gmail.com.

\*\* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, Brasil. Professora Associada da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: marlene@eci.ufmg.br.

## I INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir os níveis de interlocução entre Ciência da Informação (CI) e Biblioteconomia, no Brasil. Para isso, utiliza-se de resultados de pesquisa e ideias de alguns autores que investigaram ou refletiram sobre a temática. Parte-se da compreensão de que a interlocução entre as áreas de Biblioteconomia e de CI ainda não se encontra de forma evidente, o que pode ser observado na literatura nacional e estrangeira. Em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, a interação entre essas áreas iniciou-se com um título mais amplo, que, sob a *Library and Information Science (LIS)*, incluiu, em muitas escolas, os princípios e práticas da Biblioteconomia e as teorias da CI (DIAS, 2002).

No Brasil, com as leis nº 4.084/62 e 9674/98 e decreto nº 56725/65, que regulamentam a profissão do bibliotecário, as duas áreas são ensinadas em níveis diferentes, a Biblioteconomia em nível de graduação e a CI na pós-graduação *stricto sensu*. Soma-se, a esta questão, a adoção pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), de um conceito elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre o que é CI. Assim, para aquela agência, a CI é vista como uma disciplina mais ampla, tendo como subdisciplinas a Biblioteconomia e a Arquivologia. Contudo, pesquisadores da área, como Miksa (1992), percebem na Biblioteconomia e na CI paradigmas diferentes.

No decorrer de sua trajetória, no Brasil, o ensino de Biblioteconomia passou por algumas modificações. Entretanto, a partir da década de

1980, parece que essas transformações ficaram mais visíveis. Entende-se que esse fenômeno tem relações estreitas e intrínsecas com a ascensão do papel atribuído aos estudos que envolvem a informação. Sendo assim, em consonância com Oliveira (2005, p. 26), “a unidade de análise da Biblioteconomia não é mais somente o livro, mas, também, a informação; e suas atividades, agora automatizadas, ultrapassam o espaço da biblioteca”. Nesse sentido, a partir daquela década, a Biblioteconomia passou a abrigar a informação como objeto de pesquisa e, conseqüentemente, a adotar novas práticas profissionais. Além da informação, considerando as suas mais variadas matizes e possibilidades de uso, somaram-se os recursos tecnológicos utilizados no tratamento, na disponibilização e no acesso à informação. Fatores estes que, em uma primeira análise, parecem conduzir a Biblioteconomia a algumas transformações teórico-metodológicas, que podem ser observadas em algumas experiências na gestão nas unidades de informação e, também, nas bibliotecas.

Essas mudanças parecem, também, ter alterado a abordagem curricular dos cursos de Biblioteconomia, tendo em vista que, dentre as acentuadas transformações, muitas etapas das atividades características de bibliotecas foram substituídas por processos eletrônicos. Nessa mesma direção, percebeu-se, ainda, a emergência de novos perfis, na expectativa de responder aos desafios em face das inovações dos novos contextos profissionais. É significativo comentar, também, que, na década de 1990, os programas de pós-graduação em Biblioteconomia passaram a adotar o nome de CI. Assim, os perfis em Biblioteconomia passaram a ser atribuição da graduação e a CI à formação de mestres e doutores.

A CI tem apresentado, desde o seu surgimento até a atualidade, estudos que envolvem a informação, como seu objeto de pesquisa, a partir de sua gênese. Nessa perspectiva, a distinção das abordagens da CI e da Biblioteconomia pode estar localizada basicamente nos seus espaços de atuação. Assim, a Biblioteconomia, para Barreto (2002, p. 55), “olha, essencialmente, um fluxo interno ao seu sistema, que vai desde a seleção, aquisição, catalogação, classificação, indexação, armazenamento, recuperação e disponibilidade

para o uso de itens de informação.” Já a CI, segundo o mesmo autor,

[...] introduz um pensamento mais direcionado aos fluxos externos, localizados nas extremidades deste fluxo interno a que nos referimos antes. Em uma das extremidades há a criação da informação e na outra a assimilação da informação pelo receptor, ambos transcendem o conceito de organização da informação [...]. (BARRETO, 2002, p. 55)

Compreende-se que as transformações que têm ocorrido na Biblioteconomia no Brasil, tanto nas suas práticas profissionais, com um melhor aproveitamento dos recursos tecnológicos, quanto na sua construção teórica, contribuem para uma inquietação recorrente nos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação da área, nas pesquisas, nas entidades representativas da categoria profissional e, como seria previsível, em um grande número de bibliotecários.

Entende-se, ainda, que o crescente desenvolvimento da CI e a busca por sua afirmação teórica são compreendidos, também, como fatores causadores de transformações na estrutura da Biblioteconomia, uma vez que parte significativa do corpo de pesquisadores daquela também atua diretamente no ensino de graduação (OLIVEIRA, 2011).

Tais reflexões conduzem as seguintes questões: Qual é o tipo de interlocução e interação entre as duas no ensino? Como se manifesta a relação dessas áreas nos programas de pós-graduação? Quais os reflexos na formação dos perfis docentes desses cursos? Muitas dessas questões foram equacionadas na pesquisa de Oliveira (2011). Entretanto, neste artigo, destacou-se, dentre essas indagações, quais os pontos de interlocução entre a CI e Biblioteconomia no Brasil.

## 2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E A BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

As primeiras iniciativas para mudança do perfil profissional formado em Biblioteconomia no Brasil têm suas origens na década de 1950, por ocasião da fundação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), na atualidade, Instituto Brasileiro de Informação

Científica e Tecnológica (IBICT). Naquele período, por meio da criação de cursos que privilegiavam os serviços especializados, sobretudo aqueles voltados para política de informação nas emergentes áreas científicas e tecnológicas, alguns bibliotecários brasileiros davam os primeiros passos para a implantação do primeiro curso de pós-graduação em CI no país (ZAHHER, 1995).

Ao resgatar a história do IBBD, Oddone (2006) observa que as condições propícias para a emergência da CI foram marcadas por novas posturas profissionais, pela força das novas construções teóricas que começavam a circular no contexto do órgão. Para a autora, os serviços prestados pelos bibliotecários do IBBD, sob a liderança de Lydia Queiroz Sambaquy, abriram um novo campo de ação profissional, influenciado ao mesmo tempo pela Biblioteconomia, pela Documentação e pelo, então, moderníssimo conceito de *Informação Científica* (ODDONE, 2006, grifo da autora).

O IBBD, naquele período, segundo a autora, era gestor de informação e centralizava a organização da Informação Científica e Tecnológica (ICT), tendo em vista que ainda estavam sendo formadas competências em outras instituições que pudessem, gradativamente, absorver e implementar ações nesse campo. Essas novas ações de informação podem ser creditadas ao fato do IBBD ter sido criado para colaborar com os pesquisadores apoiados pelo recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq<sup>1</sup>). Além disso, um fator relevante era que o Instituto, tanto em termos das atividades de ensino quanto de informação, mantinha níveis de excelência similares aos de instituições congêneres de outras nações. Havia, de forma manifesta, uma política de informação que valorizava a formação de recursos humanos. Aliado a isso, uma ampla visão na responsabilidade com a questão da informação científica e tecnológica, que fez parte do IBBD e ainda faz do IBICT. Acrescenta-se a esses fatores o apoio institucional de órgãos de fomento na época, o que possibilitou, além da criação do mestrado em CI, a implantação, paralelamente, de atividades de pesquisa, até então embrionárias (PINHEIRO, 1998; OLIVEIRA, 1998).

Assim, o primeiro curso de Mestrado em CI foi implantado no Brasil em 1970, no IBBD. Data da mesma década a criação também dos primeiros cursos de Mestrado em Biblioteconomia. Desse modo, em 1972, o curso de Mestrado foi implantado na Universidade de São Paulo (USP); UFMG em 1976; Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) em 1977; Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1978, totalizando, assim, cinco cursos somente naquela década (GOMES, 2009).

Nesse contexto, esses cursos de Mestrado em Biblioteconomia eram organizados nas escolas que tinham a graduação em Biblioteconomia e Documentação. Já o curso de Mestrado em CI vinculado ao IBICT em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sempre se caracterizou como um programa de pós-graduação, não atendendo, dessa maneira, cursos de graduação (GOMES, 2009).

No início da década de 1990, alguns programas de pós-graduação, segundo Oliveira (1998), transformaram as denominações de Biblioteconomia para CI, como foi o caso da UnB, UFMG e Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP).

Os primeiros cursos de Doutorado em CI são de 1992 e as instituições que os abrigaram foram o IBICT e a UnB (GOMES, 2009). Assim, ainda nessa década, o terceiro curso de Doutorado foi criado na Escola da Ciência da Informação da UFMG, em 1997, e o Mestrado da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano seguinte. Na década posterior, foi implantado o Mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2003, na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em 2004, que também implantou, dois anos mais tarde, o seu curso de Doutorado (GOMES, 2009).

A autora informa, ainda que, no final da década de 2000, dois outros cursos de Mestrado foram instituídos, um na Universidade Federal Fluminense (UFF) e o outro, credenciado como Mestrado Profissional, na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nesse sentido, na atualidade, são 15 os programas de pós-graduação em CI em funcionamento no Brasil.<sup>2</sup>

Quanto à formação acadêmica dos bibliotecários, o primeiro curso foi fundado em

<sup>3</sup> A partir da década de 70, com crescimento e desenvolvimento das universidades federais, o IBICT passou a diminuir seu atendimento direto ao usuário.

<sup>2</sup> [www.capes.gov.br](http://www.capes.gov.br)

1911, na Biblioteca Nacional (BN), na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República. O ensino da Biblioteconomia, em sua fase embrionária, recebeu influências da *École de Chartes* de Paris (LIMA, 1999, CASTRO, 2000). Na BN, o curso era voltado para as necessidades da mesma. Dessa forma, as disciplinas concentravam-se essencialmente na estrutura de serviços bibliotecários, de maneira a assegurar o funcionamento da instituição.

Em seu estudo sobre a constituição do campo da Biblioteconomia no Brasil, Castro (2000) apresenta um quadro bastante ilustrativo sobre as fases que marcam seu ensino no país.

**Quadro 1** - Fases e Marcos Históricos da Biblioteconomia Brasileira

FASES	MARCOS HISTÓRICOS
1ª. 1879-1928	Início da constituição do Campo do Ensino da Biblioteconomia sob a influência francesa – Biblioteca Nacional
2ª. 1929-1939	Predomínio do modelo americano sob a influência dos primeiros cursos criados em São Paulo – <i>Mackenzie College</i> e Cursos de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo
3ª. 1940-1961	Consolidação do modelo americano e expansão do número de Escolas/Cursos
1ª. 1962-1969	Estabelecimento do primeiro Currículo Mínimo e Regulamentação da Profissão – Lei 4084/62
1ª. 1970-1995	Paralisação da criação dos Cursos de Graduação e crescimento dos Cursos de Pós-Graduação

Fonte: CASTRO, (2000, p. 29).

Na atualidade, os cursos de Biblioteconomia se orientam pela Lei n°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Tal lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e é complementada pelos pareceres expedidos pelo Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Superior (CNE/CES)n°. 492/2001, n°. 1363/2001, n°. 19/2002 e a Resolução CNE/CES n°. 1/2001. Com base nesses textos legais, as diretrizes curriculares vigentes dispõem

sobre o perfil dos formandos, competências e habilidades, conteúdos curriculares, estágios e atividades complementares, estrutura do curso e avaliação institucional.

### 3 ENTENDIMENTOS SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade pode ser compreendida como um movimento de interlocução entre disciplinas e áreas do conhecimento, na perspectiva de geração de novos saberes. O movimento interdisciplinar, por seu traço eminentemente híbrido, pode possibilitar novas abordagens na interação dos saberes de áreas do conhecimento próximas e distantes (JAPIASSÚ, 1976).

Para Klein (1990), a existência de certa ideia de integração e síntese do conhecimento, contida no conceito da interdisciplinaridade, estava presente entre os intelectuais do Humanismo e Iluminismo europeu. E, frequentemente, pode-se encontrar teóricos da ciência que, ao se debruçarem sobre o tema da interdisciplinaridade, recorreram a filósofos como Platão, Aristóteles ou Hegel.

A interdisciplinaridade, segundo a autora, é uma reestruturação sutil do conhecimento, que tem evidência, a contar do século XX, como uma reação alternativa à abordagem disciplinar normalizada de distintos objetos de estudo. Novas conformações do trabalho intelectual, pesquisas em colaboração, grupos de docentes e pesquisas comparativas têm criado pressão junto às divisões tradicionais do conhecimento. Educadores, pesquisadores e profissionais liberais estariam voltando suas atividades para o trabalho interdisciplinar. Nessa direção, objetivam dar respostas a questões complexas, discutindo-as de forma mais ampla, explorando a disciplinaridade, bem como as relações profissionais, a fim de resolver problemas que estão além da extensão de uma só disciplina, alcançando certa unidade de conhecimento (KLEIN, 1990). Para a autora, o movimento interdisciplinar tem se desenvolvido na sociedade moderna, perpassando vários caminhos, tanto tradicionais quanto inovadores, e que, no caso dos últimos, indicam que a interdisciplinaridade pode advir

de um trabalho singular e com possibilidade de contribuir com conhecimentos novos para diferentes áreas.

A fragmentação disciplinar nas ciências e o acentuado nível de especialização que o conhecimento humano tem produzido, sobretudo na pós-revolução industrial, parecem ter favorecido a necessidade de urdiduras de integração dos saberes. Por isso, o movimento interdisciplinar tende a fazer os entrelaçamentos de campos de conhecimentos que podem vir a conformar novas áreas ou resolver problemas.

No entendimento de Fazenda (1994), a interdisciplinaridade é praticada por meio da cooperação, do trabalho, do diálogo entre as pessoas, bem como entre as disciplinas e outras formas de conhecimento. A autora discute o que denomina como atitude interdisciplinar,

[...] uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele a troca, que impele o diálogo – o diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida [...]. (FAZENDA, 1994, p. 82)

Qualquer atividade interdisciplinar, tanto no ensino quanto na pesquisa, exige aprofundamento teórico nos estudos epistemológicos mais fundamentais e atuais, uma vez que a questão da interdisciplinaridade envolve uma reflexão profunda sobre os impasses vividos pela ciência na atualidade. Fazenda (2003) destaca a importância do diálogo, como sendo a única condição possível de eliminação das barreiras entre as disciplinas. Sendo assim, para existir o diálogo entre as disciplinas, as pessoas têm que se dispor a isso.

De acordo com Pombo (2004), “é significativo que a investigação se faça cada vez

mais, não só no interior das aquisições de uma disciplina especializada, mas no cruzamento das suas hipóteses e resultados com as hipóteses e os resultados de outras disciplinas.” Nesse sentido, para essa autora, a evolução da ciência, a contar, principalmente, da segunda metade do século XX, deixou de poder ser pensada de maneira segmentada. Assim, a ciência necessita da relação recíproca de diversas disciplinas e do cruzamento interdisciplinar. É possível admitir que determinadas pesquisas reivindiquem sua própria abertura para conhecimentos que advêm, tradicionalmente, do domínio de outras áreas e que só essa abertura possibilitará aceder a camadas mais profundas da realidade que se quer pesquisar.

Para a autora, “a ciência já descobriu, ou está em vias de descobrir, tudo o que é possível descobrir por meio da especialização. A partir de determinado momento, é o progresso da própria especialização que exige o cruzamento, a articulação entre domínios” (POMBO, 2004). Desse modo, afirma, ainda, que o que aconteceu foi que, ao se deter sobre esse problema, os investigadores perceberam a necessidade de convocar outras especialidades. Esta é uma primeira razão e, do seu ponto de vista, é a estrutura básica da interdisciplinaridade. Assim, entende que a interdisciplinaridade é uma palavra que tem sido convocada para descrever o domínio do indiferenciado.

Entretanto, a interdisciplinaridade, para outros autores, como Basarab (1997), diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina a outra e sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar. Com essa compreensão, esse autor, em estudo posterior, distingue três graus de interdisciplinaridade assim estruturados:

a) *um grau de aplicação.* Por exemplo, quando os métodos da física nuclear são transferidos para a medicina, resultam no aparecimento de novos tratamentos de câncer;

b) *um grau epistemológico.* Por exemplo, transferindo os métodos da lógica formal para a área do direito geral, geram análises interessantes de epistemologia do direito;

c) *um grau de geração de novas disciplinas.* Por exemplo, quando

métodos da matemática foram transferidos para a física geraram a física matemática e, quando transferidos para os fenômenos meteorológicos ou para os processos do mercado de ações, geraram a teoria do caos; transferindo métodos da física de partículas para a astrofísica, produziu-se a cosmologia quântica e, transferindo métodos computacionais para a arte, obteve-se a arte computacional. (BASARAB, 1999)

Ainda na busca de uma melhor compreensão da interdisciplinaridade, vale-se das características que sustentam as experiências interdisciplinares. Desse modo, estas são, para Domingues (2005), a aproximação de campos disciplinares diferentes para a solução de problemas específicos, compartilhamento de metodologia e, após a cooperação, os campos disciplinares se fundem e geram uma disciplina nova. O autor apresenta quatro exemplos: a) Bioquímica: aproximação da Química e Biologia; b) Bioinformática: aproximação da Biologia, Engenharia, Física e Computação; c) Projeto Apollo, que tinha como meta a conquista da lua, em um contexto de disputa entre russos e norte-americanos. A equipe se compunha de físicos, matemáticos, químicos, engenheiros e um clérigo; e, d) Estruturalismo, compartilhamento de uma mesma metodologia por várias disciplinas das ciências humanas, possibilitando sua aproximação, embora esse movimento estruturalista tenha fracassado nos anos oitenta.

Compreende-se que a interdisciplinaridade pressupõe a existência da disciplinaridade, uma vez que, para conformar-se, a primeira, independentemente das áreas de abrangência, terá que ter havido, “*a priori*”, o estabelecimento de conexões de disciplinas fomentadoras de teceduras futuras para a geração ou não de novos campos de conhecimento.

#### 4 A INTERDISCIPLINARIDADE NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Conforme a literatura estudada, a discussão sobre a interdisciplinaridade na CI tem início em sua gênese e continua atualmente, uma vez que busca entender suas formas de interação com outros campos do conhecimento. Assim, Saracevic (1996, p. 48), ao resgatar as origens da CI, relata que “entre os pioneiros havia engenheiros, bibliotecários, químicos, linguistas,

filósofos, psicólogos, matemáticos, cientistas da computação, homens de negócios e outros vindos de diferentes profissões ou ciências”. O mesmo autor, entretanto, enfatiza que, fatalmente, nem todas as disciplinas presentes na formação dessas pessoas tiveram uma contribuição igualmente relevante, mas essa multiplicidade foi responsável pela introdução e permanência do objetivo interdisciplinar na CI.

No que se refere à Biblioteconomia, no entendimento desse autor, o campo comum com a CI é significativo, consistindo no compartilhamento de seu papel social e na preocupação, presente em ambas, com as dificuldades do efetivo uso dos registros gráficos. Saracevic (1996) identifica, também, diferenças importantes que se dão em alguns pontos críticos, como seleção dos problemas propostos e a forma de sua definição, questões teóricas apresentadas e os modelos explicativos introduzidos, natureza e grau de experimentação e desenvolvimento empírico, assim como o conhecimento prático e competências derivadas. O mesmo autor acrescenta, também, instrumentos e enfoques usados, a natureza e a força das relações interdisciplinares estabelecidas e sua dependência para o avanço e evolução dos contornos interdisciplinares. Diante disso, concluiu que Biblioteconomia e CI são dois campos diferentes, com forte relação interdisciplinar.

Em estudo recente, Santos (2012) apresenta como objetivo principal a identificação das relações interdisciplinares entre a CI e a Biblioteconomia. O *corpus* da pesquisa constituiu-se dos artigos apresentados nos Grupos de Trabalho - GT 1 e GT 2 da Associação Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (ANCIB), no período de 2000 a 2001. Por meio da análise dos trabalhos apresentados, a autora percebeu diálogos frequentes, contudo, somente em níveis multi e pluridisciplinar. Observou, ainda, que os artigos apresentados no GT 2 voltaram-se mais para a prática profissional. Os temas que se destacaram relacionam-se com a Ciência da Computação referentes à elaboração de *softwares* para recuperação da informação, construção de tesouros e estudos sobre terminologia entrelaçando pensamentos de Ranganathan com estudos de Dahlberg. Essa autora vê, nesse movimento, uma ação interdisciplinar entre CI e Biblioteconomia.

Dessa forma, vale-se também de uma compreensão de Bicalho (2009), em pesquisa realizada sobre as relações interdisciplinares, refletidas na literatura brasileira da CI. A partir desse estudo, a autora conclui que, para se ampliar e se afirmar, essa área precisa consolidar teorias e construir suas próprias metodologias, a fim de lhe assegurar maturidade para consistir como ciência. Além de necessitar, também, da ampliação e fortalecimento da interação disciplinar com outras áreas na perspectiva de expandir e aprofundar questões que lhes são peculiares, mas que reivindicam conhecimentos externos aos seus domínios.

Assim, conforme a autora, o seu estudo não confirma como interdisciplinar as pesquisas que têm sido desenvolvidas na área, tendo em vista que as mesmas, realizadas com a participação de outras áreas, publicadas nos periódicos especializados estudados, em sua maioria, não apresentaram a necessária integração de teorias e metodologias, nem a esperada interlocução entre pesquisadores, no sentido de promover e enriquecer mutuamente as disciplinas e os indivíduos que estão envolvidos nas pesquisas. Bicalho (2009) constata, entretanto, que a CI tem vocação para a interação com outras disciplinas, considerando tanto a conformação heterogênea de seus pesquisadores como a busca por teorias de outras áreas. Desse modo, para que os resultados dessas trocas tragam crescimento à CI e para o fortalecimento das próprias interações, a área precisa compreender com mais facilidade como se processam as muitas formas de relações integrativas da ciência, para conhecer-se mais profundamente e projetar melhor sua pesquisa. Nessa direção, apresenta como conclusão que “[...] a alimentação interativa da ciência da informação com outras áreas tem se realizado, primordialmente, para dar sustentação a sua disciplinaridade [...]”. (BICALHO, 2009, p. 242).

Sendo assim, em conformidade com o pensamento da autora, a situação acima descrita acaba por não oferecer grande vigor à relação interdisciplinar propriamente dita. Entende-se que o maior desafio da área seja o de se prover de uma compreensão do que se constitui como as suas relações interdisciplinares. Para tanto, entende-se que a CI nas interações com outras disciplinas em que compartilham o mesmo objeto de estudo, precisa se intensificar para que a área possa atuar de forma marcante nos

vários campos em que se evoca sua colaboração, frutificando seu espaço de atuação.

A pesquisa de Oliveira (2011) traz resultados sobre a interação ente CI e Biblioteconomia por meio de análises dos currículos ministrados na graduação e na pós-graduação. Para apreender esse tipo de interação no ensino, tornou-se necessário o estudo dos programas disciplinares, por meio das ementas e referências bibliográficas das disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação em Biblioteconomia e das disciplinas ofertadas nos programas de pós-graduação em 10 instituições, que abrigam ambos e que tem em comum o corpo docente.

No que se refere ao perfil da graduação em Biblioteconomia, os currículos das instituições que oferecem essa graduação apresentam a mesma sequência de ofertas de disciplinas obrigatórias que objetivam a formação de bibliotecários. Com algumas variações nos nomes, tais disciplinas formam um conjunto de saberes indispensáveis à organização, disponibilização para uso de documentos e/ou informações. Não foi possível verificar, com mais apuro, a oferta de disciplinas para ensino de novas tecnologias nesses cursos. Considerou-se principalmente aqueles que não contam com um professor do próprio curso para ministrá-la. Há variações na bibliografia indicada, mas a parte mais constante é o suficiente para perceber a preocupação de todos os cursos na formação de um perfil de bibliotecário, consonante com as novas demandas da profissão. Ou seja, há frequente entendimento consensual na área quanto ao eixo teórico, metodologias e técnicas que devem fundamentar a matriz curricular do graduando em Biblioteconomia.

No que diz respeito ao perfil da formação em CI, os currículos dos programas apresentaram não só algumas aproximações terminológicas, mas diferenciações mais profundas conduzidas pelas diferentes linhas de pesquisas e abordagens dos temas. No Brasil, depara-se sempre com os diferentes níveis em que são oferecidos: os cursos de Biblioteconomia na graduação e a CI na pós-graduação *stricto sensu*, estando tais programas abertos a candidatos oriundos de qualquer área do conhecimento, sem exigência mínima de conhecimento prévio da área. A CI não tem, ainda, um campo profissional específico e reconhecido pelas demais áreas do conhecimento

e a Biblioteconomia não têm espaço próprio para investigar seus problemas de pesquisas, fazendo isso mais fortemente na CI.

Nos currículos e disciplinas, verificou-se que o ensino da graduação tem sido praticado em conformidade com uma matriz disciplinar que é quase consenso entre os cursos e que orienta a formação do perfil do bibliotecário. As temáticas e os conceitos da CI se refletem nas ementas das disciplinas dos cursos de Biblioteconomia e a relação inversa também acontece. Assim, observa-se que a interlocução e interação entre as duas no ensino existem por meio das escolhas temáticas. No tocante à interação propriamente dita entre Biblioteconomia e CI, foi possível verificar, porém que a formação da última encontra-se mais dispersa, fragmentada. Essa dispersão de temáticas na formação do perfil do mestre ou doutor pode ser creditada às diferentes linhas de pesquisa que orientam tais programas.

## 5 A INTERLOCUÇÃO ENTRE BIBLIOTECONOMIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Há certo consenso entre os pesquisadores e profissionais da CI e da Biblioteconomia em buscar soluções para alguns problemas comuns às duas áreas. Sabe-se que a Biblioteconomia e a CI trabalham juntas e buscam soluções para o mesmo problema que orienta a CI, ou seja, organizar e disponibilizar, para uso, informações pertinentes às necessidades dos usuários.

Com a emergência da CI no Brasil, parece que os estudos e pesquisas sinalizam agregação. Contudo, os debates e reflexões em eventos ocorrem em espaços diferentes, fragmentando, assim, uma possível convergência dos membros destas comunidades. Com isso e a partir da literatura estudada, observa-se que não há consenso quanto aos limites e fronteiras entre as duas.

No que diz respeito à relação da CI com a Biblioteconomia, no caso brasileiro, não parece resolvida. Apesar das agências de fomento privilegiarem, para fins de gestão, a CI em relação à Biblioteconomia, tal visão pode não coincidir com as pesquisas, práticas profissionais e expectativas da comunidade de ambas.

Visão diferente das apresentadas, até aqui, é proporcionada por Dias (2002). Segundo o autor, a CI é decorrente do conceito

da Biblioteconomia Especializada, ou seja, disciplina interessada na informação técnica e especializada. O autor ainda acentua que a maioria das instituições que constituíram a CI era ligada à Biblioteconomia. Exemplifica que, em escala mundial, as Escolas de Biblioteconomia têm alterado seus nomes para Escolas de CI ou acrescentando, ao seu nome antigo, também essa extensão, como exemplo a *Library and Information Studies*. Assim, importante diferenciação é dada por Dias (2000) entre os conceitos de Biblioteconomia (*Librarianship*) e Biblioteconomia (*Library Science*). A primeira “tem uma longa tradição de desenvolvimento de práticas aplicáveis aos problemas de organizar e acessar as informações contidas nos documentos”. (DIAS, 2000, p. 72). Já a *Library Science*, por seu turno, foi criada sob o princípio de que a pesquisa deveria ser o ponto marcante para o ensino em nível de pós-graduação. Essa diferenciação é resultante do modelo educacional praticado nos Estados Unidos, onde a formação do Bibliotecário se dá em nível de pós-graduação.

No Brasil, observa-se um movimento semântico, institucional e também conceitual, com relação à adoção da nomenclatura da CI em alguns cursos de Biblioteconomia. Na maioria dos cursos, a habilitação permaneceu inalterada, à exceção do curso da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 1998, nessa Universidade, o curso de Biblioteconomia alterou seu nome para Gestão da Informação e, conseqüentemente, passou a habilitar, em vez de bibliotecários, gestores de informação. Outros exemplos também bastante ilustrativos foram as mudanças do nome, em 1998, da Escola de Biblioteconomia da UFBA para Instituto de Ciência da Informação, em 2000, da Escola de Biblioteconomia da UFMG para Escola de Ciência da Informação.

Em consonância com tais mudanças de nomes, na maioria das escolas, houve, também, a alteração do estatuto da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), no ano de 2000. Os Cientistas da Informação foram incorporados entre seus afiliados. Isso demonstra que, em nível dos órgãos associativos da Biblioteconomia, houve uma aproximação com a CI.

Os PPGCI, aparentemente, têm se constituído como um dos possíveis espaços em que a interlocução entre a Biblioteconomia



e a CI se dá de maneira mais consistente. Dessa forma, no que diz respeito à produção científica, Alvarado e Oliveira (2008) afirmam que o “treinamento dos cientistas da Ciência da Informação e Biblioteconomia se faz nas universidades e mais especificamente nos Departamentos ou Escolas de Ciência da Informação e de Biblioteconomia espalhadas pelo país”. Sendo assim, na atualidade, 15 universidades disponibilizam cursos de mestrado e oito destas oferecem também o doutorado. Ou seja, o caminho de pesquisa na CI parece ser mais natural para o bibliotecário do que a formação de alunos oriundos de outras áreas como a Educação, Administração, Ciência da Computação e outros. Tão mais natural, que, na formação em CI, quando se analisa o corpo docente dos programas de pós-graduação na área, percebe-se que mais de 70% dos professores possuem formação em Biblioteconomia (OLIVEIRA, 2012).

Em estudo sobre o conceito de informação, Capurro e Hjørland (2007) afirmam que se faz necessário um entendimento de que a Biblioteconomia e a CI integrem apenas uma disciplina, em uma cadeia de disciplinas e meta-disciplinas que tratam com comunicação, tecnologia, sistemas e processos relacionados. Os autores acrescentam que se deve buscar clarear melhor a identidade e objetivos específicos, de forma a fortalecer a continuidade histórica no campo.

A interlocução entre essas duas áreas, no Brasil, ainda é um terreno arenoso assim como na ocupação do mercado de trabalho. O profissional bibliotecário está resguardado pelas Leis 4084/62<sup>3</sup> e 9674/98, que lhe assegura o registro nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB). O mesmo não ocorre com o egresso não bibliotecário, com Mestrado ou Doutorado em CI. De toda forma, essa inquietude tem provocado mudanças substanciais e, nesse sentido, os estudos que se voltam para a aparente complexidade dessa interlocução, podem contribuir para esclarecer quais as conexões possíveis.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desse estudo mostram, por um momento no tempo e em determinado ponto do espaço, como se apresenta a interlocução entre Biblioteconomia e CI no Brasil.

Quanto às interações disciplinares, multi e interdisciplinares, observa-se que os cursos de Biblioteconomia e programas de pós-graduação ocupam o mesmo espaço acadêmico nas universidades públicas. A exceção é feita para o Programa IBICT/UFRJ, que não conta com curso de graduação em Biblioteconomia. Dessa forma, os mesmos professores/pesquisadores da pós-graduação lecionam na graduação em Biblioteconomia. Assim, percebe-se, com mais clareza, um tipo de interação entre as duas áreas no ensino. Na pesquisa, conforme estudos de Bicalho (2009), as interações se enquadram mais na pluridisciplinaridade do que na interdisciplinaridade. Isto porque a CI está muito focada em formalizar sua disciplinaridade.

Para sintetizar parte dessa pesquisa, valendo-se também de algumas reflexões de alguns autores estudados e referenciados, aponta-se:

- A interdisciplinaridade pressupõe a existência de disciplinaridade. Assim, a CI interage com outras disciplinas na composição do seu aspecto disciplinar;
- Os cientistas da informação não ocupam espaços de organização e disponibilização de informações, direcionados a bibliotecários;
- A prática da CI em formar doutores originados de outras áreas do conhecimento como possibilidade de interdisciplinaridade se distancia dos conceitos contemporâneos do movimento interdisciplinar;
- Percebe-se interações, ainda incipientes, que podem ser entendidas como multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade na CI (no nível institucional e temático).

Espera-se que este estudo forneça material para reflexão aos pesquisadores da Biblioteconomia e CI, assim como subsídio para novas pesquisas. Além disso, que influencie

3 Vale salientar que a alínea “a”, do artigo 6º, dispõe exatamente sobre essa questão: “Art. 6º. São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes: a) o ensino de Biblioteconomia” (BRASIL, 1962).

ações políticas nas Associações envolvidas para entendimento, diálogo e harmonização das duas áreas.

A pesquisa permitiu observar, na literatura, que a Biblioteconomia no Brasil tem procurado manter-se estruturada, procurando adequar-se às mudanças e atualizações. Nesse sentido, sua interação disciplinar com a CI se revelou importante. Os PPGCI, por outro lado,

desenvolveram-se através das escolas que mantêm cursos de graduação em Biblioteconomia e isso se deve aos esforços de profissionais bibliotecários. Sendo assim, entende-se que a CI pode e deve buscar permanentemente esta interação disciplinar com a Biblioteconomia, na perspectiva de que essa se dê de forma progressiva no atendimento às demandas de ambas.

## **THE INTERLOCUTION BETWEEN LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE IN BRAZIL**

### **Abstract**

From research and ideas of different authors, the article discusses the dialogue between Information Science (IS) and Librarianship, presents some reflections of a study on this relationship by addressing the origin and development of these areas in Brazil, their similarities and differences. The main results: show interdisciplinarity in teaching both in schools that house both the Librarianship and IS; the same teachers teach at the undergraduate and post-graduate studies; that the themes and concepts of IS are reflected in the menus of academic courses of Librarianship and that the inverse relationship also happens; the Librarianship carries a disciplinary matrix that is almost consensus among the courses on the education of the librarian and the formation of IS is more dispersed, fragmented; that the dispersion of the thematic training of master or doctor profile can be credited to the different lines of research that guide these programs.

### **Keywords:**

Information Science. Librarianship. Interdisciplinarity. Education. Research.

---

Artigo recebido em 11/09/2013 e aceito para publicação em 22/11/2013

---

## **REFERÊNCIAS**

ALVARADO, R.U. ; OLIVEIRA, M. A comunidade científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira. **Inf. & Soc.: estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 13-29, jan./abr. 2008. Disponível em: <TTP://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1733/1636>. Acesso em: 15 set. 2008.

BARRETO, A. A. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, M.A. (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 49-59.

BASARAB, N. A evolução transdisciplinar a universidade; condição para o

desenvolvimento sustentável. In: CONGRESSO INTERNACIONAL "A RESPONSABILIDADE DA UNIVERSIDADE PARA COM A SOCIEDADE", 1997, Bangkok. Bangkok: International Association of Universities; Chulalongkorn University. Disponível em: <<http://nicol.club.fr/ciret/bulletin/b12/b12c8por.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 3. ed. São Paulo: TRIOM, 1999.

BICALHO, L. M. **As relações interdisciplinares refletidas na literatura brasileira da Ciência da Informação**. 2009. 267f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 4.084, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão

de Bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] União**, Publicada no D.O.U. – em 02/07/6. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/legislacao/leis/LEI%204084-62.asp>>. Acesso em: 07 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 56.725, de 16 de agosto de 1965. **Regulamenta a Lei n.4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário**. Disponível em: <<http://www.crb7.org.br/Legislacao/Decreto-56725-16agosto1965.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9674, de junho de 1998. **Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9674.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9674.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CES/CNE n.492 de 9 de julho de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] União**, Seção 1 e, p. 50. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 1.363/2001. Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] União**, Seção 1 e, p. 60. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1363.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CES/CES n.19 de 9 de abril de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de Biblioteconomia. **Diário Oficial [da] União**, Seção 1, p. 34. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 1/2001.

**Diário Oficial [da] União**, Brasília, 9 de abril de 2001. Seção 1, p. 12. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/CES0101.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)>. Acesso em: 7 jul. 2008.

CAPURRO, R. ; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/54/47>>. Acesso em: 18 jul. 2008.

CASTRO, C.A. **História da biblioteconomia brasileira: perspectivas históricas**. Brasília: Thesaurus, 2000.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Cursos de Pós Graduação em Ciência da Informação no Brasil**. Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarLes&codigoArea=60700009&descricaoArea=CI%C3%26%23131%3B%26%23138%3BNCIAS+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=CI%C3%26%23138%3BNCIA+DA+INFORMA%C3%26%23135%3B%C3%26%23131%3BO&descricaoAreaAvaliacao=CI%C3%26%23138%3BNCIAS+SOCIAIS+APLICADAS+I>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. **Perspectivas em ciência da Informação**, Belo horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80. jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/556/338>>. Acesso em: 12 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. O específico da Ciência da Informação. In: AQUINO, M.A. (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 87-99.

DOMINGUES, I. Em busca do método. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Conhecimento e transdisciplinaridade**

II: aspectos metodológicos. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005. p. 17-40.

FAZENDA, I. **A Interdisciplinaridade: história, pesquisa, e teoria.** Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

GOMES, M. Y. F.F. Desafios atuais da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 190-205, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n3/12.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity: history, theory and practice.** Detroit: Wayne State University Press, 1990.

LIMA, R.M. **A construção social da Biblioteconomia brasileira; a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

MIKSA, F.L. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives.** London: Taylor Graham, 1992. p. 229-252.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a06.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2008.

OLIVEIRA, D.A. ; OLIVEIRA, M. A formação docente da Biblioteconomia e Ciência da Informação: um retrato de cursos e programas de pós-graduação no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2012, Rio de Janeiro. **Anais... XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2012.

OLIVEIRA, D.A. **A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em**

**Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas.** 2011. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, M. **Investigação científica na Ciência da Informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq.** 1998. 200 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Origens e Evolução da Ciência da Informação. In: \_\_\_\_ (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.p. 9-28.

PINHEIRO, L.V.R. **A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar.** Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1997, 269 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

POMBO, O. **Interdisciplinaridade: ambições e limites.** Lisboa: Relógio d'Água, 2004. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/interdisc%20excertos.htm>>. Acesso em: 4 ago. 2008.

SANTOS, A.P.L. **Relações interdisciplinares entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia: limites e possibilidades.** 2012.133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan/jun, 1996.

ZAHER, C. R. Entrevista concedida a Rosali Fernandez de Souza. **Ci. Inf.**, v. 24, n. 1, p.13-20, jan./abr. 1995.